



Em agosto o Balé Folclórico da Bahia comemorou 20 anos e levou obra-prima de Stravinsky para o palco do TCA, em Salvador

Exuberantes, vibrantes, incansáveis e donos de movimentos virtuosos, os 20 dançarinos do Balé Folclórico da Bahia subiram ao palco do Teatro Castro Alves, nos dias 23 e 24 de agosto de 2008, para mostrar como o Grupo tem conquistado cada dia mais prestígio nos quatro cantos do mundo. Ao todo, são 40 integrantes - dançarinos, músicos e cantores. Considerada, desde 1994, pela Associação Mundial de Críticos como a “melhor companhia de dança folclórica do mundo”, a companhia, que já ganhou página inteira no The New York Times, foi fundada em 1988 e, de lá para cá, viajou para vários países, acumulou prêmios e ganhou reconhecimento nacional e internacional. Ao longo dessas duas décadas, inúmeros dançarinos formados pelo Balé seguiram carreira profissional em outros países e em grandes companhias. Com sua dança e sonoridade arrebatadoras, o Balé, única companhia de dança folclórica profissional do país, promoveu em agosto duas apresentações no Teatro Castro Alves, especialmente montadas para a comemoração dos seus 20 anos.

Em 2008, o aclamado Balé Folclórico da Bahia (BFB) comemorou seus 20 anos em grande estilo. Além de dois espetáculos no Teatro Castro Alves, a Companhia, dirigida por Walson Botelho, promoveu uma exposição no foyer do TCA para exibir objetos que fazem parte da sua história -

◆ Bastidores

troféus, cartazes e cartas recebidas do mundo inteiro etc. O espetáculo comemorativo aconteceu no dia 23 de agosto, só para convidados, e no dia 24, para o público. O espetáculo foi dividido em duas partes. Nos primeiros 40 minutos, o Balé abriu a noite com a emblemática obra-prima Sagração da Primavera, do compositor Igor Stravinsky. Na segunda parte, foi apresentado um compacto de todas as coreografias montadas ao longo das duas décadas do Balé.

A comemoração, que teve também um coquetel fechado para convidados, no dia 23, após a estréia, contou com a presença de autoridades, artistas, jornalistas e críticos de dança do Brasil inteiro. “Os 20 anos do Balé Folclórico representam uma conquista, não só para a Bahia, mas para a dança do país inteiro”, comemora Walson Botelho, diretor geral do Balé. “Poucas companhias privadas no país e sem um patrocinador regular conseguem chegar onde chegamos, não só em termos de duração, mas também com reconhecimento do público e da crítica”, acrescenta.

Sagração da primavera

Um ritual pagão onde sábios anciãos,

sentados em círculo, assistem uma garota que dança até morrer. Ela é sacrificada para apaziguar o Deus da primavera. Com a maturidade dos seus 20 anos e nível técnico reconhecido internacionalmente, o Balé Folclórico da Bahia interpretou a obra-prima Sagração da Primavera, do compositor russo Igor Stravinsky, com coreografia de José Carlos Arandiba (Zebrinha), o diretor artístico da companhia. “A idéia é aplicar tudo que os dançarinos aprendem dentro do projeto Balé que você não vê, mantido pela companhia, e fazer também com que nosso corpo dance repertórios conhecidos e interpretados por grandes companhias do mundo”, explica o diretor artístico. No projeto, os integrantes recebem formação de dança moderna, clássica e jazz. Segundo Walson Botelho, “não é uma coreografia moderna, contemporânea nem clássica, mas uma releitura usando todo o conhecimento dos dançarinos aliado a uma linguagem afro-brasileira, que é a técnica utilizada pelo Balé”.

A obra-prima Sagração da Primavera scandalizou Paris em 1913, quando estreou no Théâtre des Champs-Élysées com coreografia assinada por Vaslav Nijinsky, por fugir das convenções musicais da época e dos padrões do ballet clássico do início do século XX. Atualmente,



Foto: Vinicius Lima



Foto: Vinicius Lima

no entanto, é um dos repertórios preferidos das grandes companhias de dança no mundo e representa um marco divisor da música sinfônica moderna.

Rotina profissional

Atualmente, o BFB funciona em regime integral de seis horas de trabalho por dia. Os 40 integrantes da companhia – dançarinos, músicos e cantores – recebem toda preparação técnica para dança, música e teatro. Para preservar e divulgar, no mais puro estado, as principais manifestações folclóricas da Bahia, o Balé desenvolveu uma linguagem cênica que parte basicamente dos aspectos populares da cultura baiana atingindo a contemporaneidade do mundo, sem perder suas raízes nem se distanciar da realidade nacional.

Com agenda programada até o ano de 2010, o Balé também possui um segundo corpo de baile, que realiza espetáculos há 14 anos, de segunda-feira a sábado, às 20 horas, no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho, tendo como público, principalmente, turistas estrangeiros e de outros estados do Brasil. O teatro, onde funciona a sede do Balé, foi doado pelo Governo do Estado da Bahia, em 2003, quando o Grupo fez 15 anos. “A conquista da nossa sede própria, doada pelo Estado, foi um reconhecimento ao trabalho de

divulgação da cultura e da arte que o Balé vem fazendo no Brasil e no mundo”, afirma Walson Botelho.

Prêmios e reconhecimento

Considerado, desde 1994, pela Associação Mundial de Críticos como a “melhor companhia de dança folclórica do mundo”, o Balé Folclórico da Bahia acumulou ao longo dos seus 20 anos vários prêmios e reconhecimento. Dentre eles: o Prêmio Fiat (oferecido pela Fiat do Brasil como a melhor companhia de dança do país em 1990); o Prêmio Estímulo (oferecido pelo Ministério da Cultura como a melhor companhia de dança do país e melhor espetáculo de dança do país em 1993); o Prêmio Mambembão (oferecido pelo Ministério da Cultura como a melhor pesquisa em cultura popular e melhor preparação técnica de elenco em 1996); o Prêmio Bom do Brasil (oferecido pela Varig como um dos cinco mais importantes projetos sócio-culturais existentes no país em 2004) e o Prêmio Mérito ao Turismo (oferecido pelo Governo da Bahia pelos serviços prestados ao turismo no estado).

Desde 1993, sob a direção artística de José Carlos Arandiba (Zebrinha), a companhia atingiu um nível de aprimoramento técnico-interpretativo, que despertou a atenção dos

◆ Bastidores

mais exigentes profissionais e críticos da área de dança. A Bahia, celeiro das manifestações populares no país, tem sido a maior inspiração para as pesquisas do Balé, que através da dança, música e de outras expressões que compõem o espetáculo consegue legitimar o folclore baiano em suas coreografias. “O nosso grande objetivo é a educação. Meu princípio é que cada pessoa faz seu caminho. No Balé, há pessoas de todas as faixas etárias e de todas as classes sociais. A partir do momento que alguém entra por nossa porta, deixa fora um monte de estigma,” afirma o diretor artístico. “O sucesso do Balé são as pessoas, prova disso é que muitos aprendem aqui e saem para seguir carreira em grandes companhias internacionais,” revela.

História

Única companhia de dança folclórica profissional do país, o Balé Folclórico da Bahia (BFB) foi criado em 1988 por Walson Botelho e Ninho Reis. De lá para cá, o Balé já recebeu vários prêmios e se apresentou em 182 cidades e em 19 países, dentre eles Estados Unidos, Itália, Canadá, Dinamarca, Austrália, Alemanha, França, Holanda e Suíça, além de ter conquistado sucesso de público e considerável prestígio da crítica especializada no Brasil e no exterior.

Baseado em Salvador, o Balé fez sua estréia durante o Festival de Dança de Joinville, mesmo antes do seu lançamento oficial, quando mais de 20 mil pessoas aplaudiram o espetáculo “Bahia de Todas as Cores”. O sucesso imediato propagou-se e trouxe convites para apresentações em outros Festivais por todo o país.

Em 1992 fez sua estréia internacional no renomado Festival da Alexander Platz, em Berlim, para um público de mais de 50 mil pessoas, sendo ovacionado no final do espetáculo por quase 15 minutos. Seguiu então, a partir daí, realizando pequenas turnês



Foto: Vinicius Lima

ao exterior, até que foi convidado para participar da Bienal de Dança de Lyon, na França, considerado o mais importante evento do gênero no mundo, ao lado de companhias já consagradas, a exemplo da Alvin Ailey Dance Company, Ballet of Harlem, Bill T-Jones Dance Company, Dayton Ballet, entre outras.

O sucesso estrondoso das apresentações no Auditorium Maurice Ravel, em Lyon, foi motivo para a primeira crítica de página inteira no jornal “The New York Times”, escrita por Anna Kisselgoff, que considerou o BFB, entre as diversas companhias dos quatro continentes presentes no Festival, como a que melhor exemplificava a temática do evento: Mama África.

A Bienal de Dança de Lyon em 1994 abriu caminho para as constantes turnês internacionais da companhia, que retornou à Bienal em 1996 e consagrou-se, definitivamente, como uma das mais importantes e atuantes companhias de dança do mundo, na atualidade. A partir daquele ano realizou turnês às Américas do Norte e Central, Europa e Austrália, tendo apresentado-se em importantes palcos dos Estados Unidos, França, Canadá, Suíça, Alemanha, Portugal, Finlândia, Suécia, Dinamarca, dentre vários outros.